

O MILAGRE PENTECOSTAL E A CIÊNCIA: RUMO A UMA RACIONALIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO*

— Morgane Laure Reina¹

RESUMO

Considerando a importância do pentecostalismo para 25% da população brasileira, a socialização dos fiéis da Assembleia de Deus (AD)², e a reinterpretação, por estes últimos, do discurso científico hegemônico, configuram questões relevantes para estudar os novos vínculos entre a religião e a ciência. Inscreve-se em uma literatura que repensa as teorias da secularização, uma vez que o desencantamento do mundo não significa uma desaparecimento da religião, que a matriz religiosa permeia o imaginário social e a imaginação constituinte. Entendemos a ciência e a religião como dois sistemas de explicação do mundo que têm relações fluidas mas não se excluem necessariamente. Tomando a constante pentecostalização do Brasil, o objetivo é estudar as novas configurações das relações entre ciência e religião no imaginário e no discurso dos fiéis da AD. Este estudo propõe uma abordagem *da base para o topo*, cujo objeto é a relação entre o discurso científico, as crenças religiosas e as expressões democráticas dos membros. Baseia-se em uma pesquisa empírica por observação participante e entrevistas semiestruturadas em 4 igrejas do Estado de São Paulo³ (2014-2015). O primeiro resultado mostrou que, apesar da ascensão social e da entrada na universidade dos jovens membros constituíram uma afronta aos valores pentecostais, os indivíduos encontraram o meio de usar o conhecimento adquirido no ensino superior para renovar as justificativas das suas crenças religiosas. A seguir, uma segunda conclusão revelou que a justaposição de dois registros aparentemente contraditórios não se constituiu em um problema, como mostra o uso recorrente de argumentos científicos para justificar suas crenças no divino e opiniões sobre as drogas, o aborto, etc., constituindo assim, uma « balcanização dos cérebros »⁴.

1 Mestra em Ciência Política, menção Sociologia Política Comparada, pela Sciences Po, Paris. Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília. morgane.reina@gmail.com

2 É a igreja mais representativa: 40% dos evangélicos, IBGE, 2010.

3 O sudeste é um dos maiores polos de expansão evangélica: 18% de fiéis em 2004 (IBGE)

4 Veyne Paul, 1983, *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes?*, 53.

* El presente trabajo fue presentado en el IX Congreso Latinoamericano de Ciencia y Religión (Puebla, 8-10 de febrero de 2017) y es una presentación sintética de la tesis de Maestría: Reina, Morgane. Le miracle pentecôtiste en politique. La socialisation politique des fidèles de l'Assemblée de Dieu dans l'État de São Paulo. Mémoire de master, Sciences Po, Paris, 2015.

PALAVRAS-CHAVES: Secularização; relação ciência e religião; imaginário pentecostal; racionalização do discurso religioso; abordagem da base para o topo.

ABSTRACT

Considering the relevance of Pentecostalism to 25% of the Brazilian population, the socialization of the faithful of the Assembly of God (AG) and the reinterpretation of the hegemonic scientific discourse constitute relevant questions to study the renewed links between religion and science. This study is based on a literature that rethinks the theories of secularization, since the disenchantment of the world does not mean a disappearance of religion, that the religious matrix permeates the social imaginary and the constituent imagination. We understand science and religion as two systems of interpretation of the world that have fluid relations, but which are not necessarily excluded. Taking the constant pentecostalization of Brazil, the objective is to study the new configurations of the relations between science and religion in the imaginary and in the discourse of the faithful of the AG. This study proposes a *bottom-up approach*, whose object is the relationship between scientific discourse, religious beliefs and democratic expressions of the AG's members. It is based on an empirical research by participant observation and semi-structured interviews in 4 churches of the State of São Paulo (2014-2015). The first result showed that although the social ascendance and entrance into the university of young members constituted an affront to Pentecostal values, the churchgoers found the means to use the knowledge acquired in higher education to renew the justifications of their religious beliefs. A second conclusion then revealed that the juxtaposition of two apparently contradictory types of arguments did not constitute a problem, as shown by the recurrent use of scientific arguments to justify their beliefs in the divine and their opinions about drugs, abortion, etc., thus constituting a 'balkanization of the brains'.

KEYWORDS: Secularism; relations between science and religion; Pentecostal imaginary; rationalization of religious reasoning; bottom-up approach.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Repensar as teorias da secularização

Nas décadas de 1950 e 1960, as teorias da secularização, elaboradas por Peter Berger – entre outros pesquisadores – e formuladas a partir da experiência do mundo ocidental norte e para caracterizá-lo, remetem ao Iluminismo: « a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas ». Em um *mea culpa* de 2001, o autor contesta seu antigo trabalho e reconhece que o mundo contemporâneo

« é tão ferozmente religioso quanto antes, é até mais em certos lugares ». Esta constatação o leva a negar o pressuposto antes estabelecido por ele « de que vivemos em um mundo secularizado ». Se o surgimento e a intensidade dos novos movimentos religiosos confirmam a força da religião no mundo atual, entretanto, ao nosso ver, a questão não deve ser colocada em termos quantitativos, de um mundo mais ou menos religioso, mas de uma mudança qualitativa, pois o sociólogo reconhece que a «

modernização teve alguns efeitos secularizantes »⁵.

Antes destas teorias surgirem, Max Weber cristaliza a teorização da secularização na noção de desencantamento do mundo que faz com que a modernidade traga consigo um deslocamento da religião para a esfera privada ao mesmo tempo que o religioso deveria se tornar subjetivado e racionalizado. Como aponta Ariane Zambiras (2014), uma leitura rápida poderia sugerir que a modernização induziu a desaparecimento da religião. Contudo, Weber indica que a modernidade ocidental ocasionou a racionalização do protestantismo, a qual se verifica na demonização de qualquer tipo de magia e a sua evacuação. A magia desapareceu mas não as crenças⁶. Ao contrário, no seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905), o autor mostra como a religião participou ativamente da modernidade. Em outras palavras, segundo o sociólogo e economista alemão, as crenças não desaparecem, mas « o recurso a “meios mágicos” para tentar influenciá-los [os espíritos] »⁷, sim. Portanto, a religião não deixa de ser pertinente para entender

como funciona a imaginação constituinte, segundo Veyne⁸.

No seu livro *A Secular Age* (2007)⁹, Charles Taylor propõe uma abordagem mais fecunda do conceito de secularização para os países do Atlântico Norte. Além de considerar as suas duas principais características – a separação da Igreja e do Estado, e o declínio das crenças e das práticas –, o autor adota uma terceira via que nos ajuda a fazer uma síntese da noção: a condição de crença. Nesta perspectiva, o filósofo católico explica de que maneira, com a modernização, o credo passou do estatuto de « não desafiado » e « não problemático » a ser uma « opção entre várias outras ». Assim, podemos afirmar que vivemos em um mundo secularizado, onde acreditar em Deus não é mais « axiomático »¹⁰. No entanto, torna-se uma escolha, desprovida da ingenuidade que caracterizava a Idade Média, diz o autor. Assim, o terceiro sentido de secularização, proposto pelo autor, permite considerar a importância da matriz religiosa que continua permeando o imaginário social, sem usar o termo problemático de Peter Berger de *desseculari-*

5 Berger Peter (2001): “A Dessecularização do Mundo: uma Visão Global”, *Religião e Sociedade* (Brasil) Rio de Janeiro, v.21, n.1, 10.

6 Weber Max (2006), *Sociologie des religions*, Paris: Gallimard [2ème éd.], 379-380.

7 Zambiras Ariane (2014): *La Politique inspirée: Controverses publiques et religion aux États-Unis*, Paris: Karthala, 151. (As traduções a partir de obras em francês são livres).

8 Paul (1983): *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes ? Essai sur l’imagination constituante*, Paris: Seuil.

9 Charles Taylor, 2007.

10 Charles Taylor, 2007, 3.

zação, como apontado por Cecília Loreto Mariz¹¹.

Desse modo, em um mundo secularizado, mas no qual a religião está longe de perder sua influência, entendemos a ciência e a religião como dois sistemas do mundo que têm relações fluídas e complexas, mas que não se excluem necessariamente. Nesta perspectiva, Ariane Zambiras se interessa pela « articulação do religioso e da explicação científica na modernidade (...) [ao contrário] de uma leitura da secularização que postula o apagamento da influência da religião por trás da racionalidade científica (...) [e propõe] um esclarecimento sobre a reconfiguração destes dois sistemas de explicação do mundo »¹².

1.2 A especificidade da modernidade brasileira e a crescente pentecostalização

O processo brasileiro de modernização é ambíguo. Por muito tempo, ele foi caracterizado pela sua duplicidade, sua ficcionalidade. Ao mesmo tempo que houve, sim, a instauração de instituições modernas como o Estado de direito, o mercado livre, a livre imprensa entre outros atributos, autores como Luis Cláudio Figueiredo, no seu livro *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos* (1995), e Gamaliel Carreiro, no seu artigo « Religião e modernidade em Max Weber » (2001), consideram que

a modernidade não penetrou as pessoas, que continuam com as mesmas crenças e práticas do que na era pré-moderna. No entanto, a discussão do contexto particular de emergência do espaço público por Paula Montero traz um debate heurístico sobre a modernidade brasileira. Para estudar o caso do Brasil, a autora contesta a teoria da secularização como pensada por Max Weber, particularmente o contexto moderno onde « o Estado se tornaria cada vez menos acessível aos processos de moralização e a religião (...) », onde a esfera civil deveria necessariamente ser pensada em termos de secularização¹³. Com efeito, a autora nota, não somente que a religião não declinou mas que tampouco foi relegada ao mundo privado. Ao contrário, ela participou ativamente na construção e na gestão de um espaço público de debate. A antropóloga aponta para a insuficiência da teoria da racionalização de Max Weber para tratar da modernidade brasileira e de maneira geral, « para pensar os fenômenos da publicização das religiões na cena contemporânea »¹⁴. O seu trabalho busca analisar as configurações específicas que as formas religiosas assumem no espaço público. Para esse propósito, a autora traz dois elementos: a distinção entre Estado, sociedade civil e esfera privada, segundo Habermas, e a mobilização política, que, ao nosso ver, mostram que a esfera pública no

11 Mariz Cecília Loreto (2001): Secularização e Dessecularização: Comentários a um Texto de Peter Berger. *Religião e Sociedade* (Brasil) Rio de Janeiro, v.21, n.1.

12 No contexto dos Estados- Unidos. Zambiras Ariane, 2014, *La Politique inspirée*, 153.

13 Montero Paula (2009): Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil, *Etnografia* (Brasil) [Online], vol.13, 8.

14 Idem, 9.

Brasil é resolutamente atravessada por um processo de modernidade. Primeiro,

Se considerarmos essa distinção habermasiana entre Estado/sociedade civil/esfera privada como fundadora da nossa modernidade, tal como sugere este autor, e a partir dela voltarmos nosso olhar para o modo como essa diferenciação se produziu historicamente no Brasil na passagem do século XIX para o século XX, poderemos (...) colocar em um novo patamar o debate sobre as relações entre o espaço público e a religião¹⁵.

A partir desta concepção, a separação do Estado e da Igreja como acontecimento moderno histórico, que ocorreu na Europa assim como no Brasil, teve consequências diferentes nas duas regiões. Na Europa, e particularmente na França, essa separação conduziu a uma relegação do religioso ao espaço privado e uma laicização ao extremo do Estado e do espaço público, em um contexto « de diferenciação das esferas político-econômico-científicas em relação à religiosa »¹⁶.

Ao contrário, no Brasil, a liberdade religiosa gerada pela separação Igreja/Estado desembocou em um pluralismo religioso que conquistou seu espaço e afirmou-se no momento da reconstituição democrática do Estado brasileiro. A separação da Igreja e do Estado levou à aceleração da concorrência entre as religiões que lutavam

para o reconhecimento dos seus direitos e a consideração dos seus interesses, como o Estado havia feito para o catolicismo de maneira histórica. Ao longo desse processo, destacaram-se as novas correntes do protestantismo evangélico. A pluralização religiosa e o surgimento do pentecostalismo ao longo do século XX – e que se torna exponencial a partir dos anos 1970 – traz outro elemento que mostra que o Brasil é um Estado moderno. A autora mostra que, « Como sugere André Corten (1996), a própria ideia de “participação” que marcou o cenário da mobilização da sociedade civil a partir dos anos 1970 é uma categoria que pertence ao discurso teológico »¹⁷. Aqui, Corten aponta para a mobilização política dos indivíduos, incentivada pelas instituições religiosas, como uma possível característica da modernidade. Desse modo, este exemplo mostra que houve, sim, um processo de modernização no Brasil, mas que se deu de maneira diferente do que na Europa.

É neste contexto teórico que autores que estudam as igrejas evangélicas no Brasil reconhecem a relevância da religião no Brasil contemporâneo e que desenvolveremos o nosso estudo:

O avanço do processo de pentecostalização do campo evangélico sugere, ante tudo, uma reafirmação da esfera religiosa como matriz de compreensão do mundo político, em contraste com a

15 Idem, 10.

16 Montero Paula (2006): Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil, *Novos Estudos*, (Brasil) n.74, 48.

17 Montero Paula, 2009, Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil, 10.

tendência moderna clássica de confinamento da religião no mundo privado¹⁸.

1.3 Apresentação da pesquisa de campo

Nesta perspectiva, o objetivo do presente artigo é estudar as novas configurações das relações entre ciência e religião no imaginário e no discurso dos fiéis da Assembleia de Deus. Este estudo propõe uma abordagem *da base para o topo*, cujo objeto é a relação entre o discurso científico, as crenças religiosas e as expressões democráticas dos membros. Assim, para realizar este trabalho, o estudo se baseia em uma pesquisa empírica por observação participante em 4 igrejas locais do estado de São Paulo¹⁹, conduzida entre 2014 e 2015. As igrejas estudadas são locais devido a uma questão de representatividade, na medida em que estas representam um número maior de fiéis²⁰ ao contrário das igrejas mães – ou centrais –, que se dirigem a um público mais restrito²¹. Duas igrejas estão localizadas na zona oeste da cidade de São Paulo, uma das mais ricas da cidade. Uma se encontra no bairro da Faria Lima, um bairro tradicional de negócios, mas em reabilitação, e a outra fica na avenida Heitor Penteado, na entrada do bairro Vila Madalena. A terceira está localizada no

bairro periférico de Heliópolis, na entrada da favela do mesmo nome. A última está situada na cidade de Franca, região industrial e agrícola do interior de São Paulo. Apesar de um conteúdo teológico comum, queremos verificar a hipótese da diversidade de opiniões e valores políticos entre os fiéis de igrejas cujas posições geográficas, econômicas e sociais são diferenciadas. Ademais, foram realizadas para a pesquisa, entrevistas semiestruturadas com fiéis (17) e pastores (3)²². As entrevistas foram construídas acerca da trajetória religiosa, das práticas e de questões políticas a fim de apresentar com exatidão as justificativas dos fiéis e sua capacidade reflexiva sobre o seu percurso e opiniões.

O primeiro estudo da socialização nas diferentes igrejas mostrou que os ensinamentos dados durante o culto, a leitura da Bíblia, as pregações, também se adaptam aos interesses e expectativas dos fiéis. A igreja de Heliópolis acolhe fiéis cujas rendas e instrução acadêmica são modestas. Suas preocupações materiais levam a um ofício baseado no canto e nas testemunhas. O tempo para abordar assuntos bíblicos ou políticos se vê reduzido e a palavra é dada aos fiéis, que insistem nas inquietações

18 Smiderle Carlos Gustavo Sarmet Moreira (2013): *Modernização à brasileira: o tempero pentecostal da política nacional*, Rio de Janeiro: Outras Letras, 75.

19 O Sudeste é uma forte concentração pentecostal : um dos maiores polos de expansão evangélica contando já perto de 18% de fiéis em 2004 (IBGE).

20 Alencar Gideon (2013): *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus - 1911-2011*, Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 90

21 Antoniazzi Alberto (org.) (1994): *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Pretópolis, RJ: Vozes, 92.

22 As entrevistas foram realizadas nas igrejas citadas com exceção das de Silvano (igreja central do Ipiranga SP) e de Eliete (AS Osasco). O nome dos fiéis entrevistados foi mudado para respeitar o seu anonimato.

em relação ao trabalho ou a saúde. A história da irmã Josiane é representativa de um culto em Heliópolis. Conta-se que há muito tempo ela perdeu a fé e que o infortúnio atinge a sua família. Seu irmão, dependente químico de crack e álcool, têm apenas um pulmão e deve submeter-se a transplante. A testemunha insiste no milagre de Deus, que salvou o irmão quando a medicina o condenava. As orações e visitas do pastor são sempre direcionadas aos socialmente e economicamente desfavorecidos. Portanto, em Heliópolis, a adesão religiosa e a formulação de assuntos políticos se dão por meio de uma assistência imediata às pessoas que apresentam necessidades socioeconômicas, e parecem estar ligadas à crença na melhoria das condições de vida.

Como o demonstrou Gedeon Alencar, as igrejas locais continuam mais modestas e conservadoras, e as questões materiais mais recorrentes, em comparação às igrejas centrais²³. No entanto, apesar do pentecostalismo ser originalmente uma religião carismática, de convertidos e direcionado a um público pobre, a partir dos anos 1990, certos passam a ver uma melhoria das suas condições sociais, relacionada a um crescimento econômico considerável (World Bank, IPEA) e programas de melhor redistribuição ainda embrionários, as suas condições de vida melhorarem, segundo Paul Freston²⁴. Já não se trata ne-

cessariamente de indivíduos à margem da sociedade, como durante o êxodo rural. A ascensão social, que afeta principalmente as igrejas mães, também atinge as igrejas locais. Neste sentido, nota-se um processo de diferenciação nos mecanismos de socialização entre as igrejas, em função do público alvo.

O certo conforto econômico dos membros das igrejas Heitor Penteado e Faria Lima, com menos sujeição ao desemprego e com maior acesso à saúde e educação, lhes permite afastar-se de preocupações financeiras²⁵. A AD, na sua busca de promover a « respeitabilidade social e [o] orgulho dos sucessos na educação » dos seus membros²⁶ deve adaptar-se à expectativa dos fiéis de uma intelectualização do discurso. Os conteúdos religiosos são abordados de maneira mais metafórica na Faria Lima. Um momento chave das primeiras observações se baseia na metáfora da fé, comparando-a ao fio de uma pipa. Se a religião propõe um caminho cego até Deus, a salvação prova a Sua existência – como quando seguimos o fio transparente até a aparição da pipa no céu. Ademais, a minha posição de observadora bem aceita nesta igreja, ao contrário de Heliópolis, sugere que há uma estimulação do debate sobre as ciências. O pastor Marco de Faria Lima evoca repetidamente a sociologia, a filosofia ou a física na minha presença, enfatizando a debilidade da sua

23 Alencar Gideon, 2013, *Matriz Pentecostal Brasileira*.

24 Antoniazzi Alberto (org.), 1994, *Nem Anjos nem Demônios*, 90.

25 Renda média dos fiéis entrevistados da zona oeste da cidade de São Paulo: R\$2644 (de R\$800 para os estagiários ou que trabalham menos de 40h semanais) a R\$10000.

26 Antoniazzi Alberto (orgs.), 1994, *Nem Anjos nem Demônios*, 92.

dimensão explicativa enquanto se sabe que Deus tem o mundo na palma da mão. Por um lado, enfatizar na debilidade da dimensão explicativa da ciência mostra que, até nas igrejas onde há uma intelectualização do discurso, a instituição não oferece uma reflexão sobre as relações entre a religião e a ciência, não propõe uma teologia para responder a esse desafio. Por outro lado, a

complexidade dos temas tratados durante o culto permite a formação de opiniões e competências políticas de maneira mais sofisticada do que em Heliópolis. Os membros são sensibilizados a assuntos políticos ou à atualidade geopolítica, uma vez que o pastor deplora, por exemplo, as mortes palestinas provocadas pela Guerra de Gaza de julho e agosto de 2014.

2. ELITIZAÇÃO E AFRONTA AOS VALORES PENTECOSTAIS

Nesta parte, dedicar-nos-emos ao estudo da elitização da população fiel da AD e as consequências que traz consigo. Apesar da ascensão social e da entrada na universidade dos jovens membros constituírem uma afronta aos valores pentecostais frente às leituras diversificadas e ao discurso científico, os indivíduos encontraram o meio de usar o conhecimento adquirido no ensino superior para renovar as justificativas das suas crenças religiosas.

2.1 As dificuldades postas pela ascensão social dos fiéis

A ascensão social da população que frequenta a AD é devida à melhoria das condições socioeconômicas dos fiéis. Os anos 1990 e 2000 são, para o Brasil, o fim da década perdida, que mostram uma importante taxa de crescimento econômico. A análise de Paul Freston, em 1994, corresponde a um período no qual o crescimento se estabiliza por volta de 11% (World Bank, IPEA). Apesar das desigualdades, os programas sociais, lançados por Fernando

Henrique Cardoso e consolidados por Luiz Inácio Lula da Silva, permitem uma saída da extrema pobreza para os indivíduos mais modestos. Nesse contexto, Paul Freston observa a vontade da AD de se diferenciar da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), organizando

cultos [que] se tornam mais restritos, particularmente nas igrejas centrais onde gravitam pessoas em ascensão e onde os membros modestos das congregações de bairro não se sentem mais a vontade. As características da igreja que eram consideradas como virtudes no passado já são vistas de outra maneira²⁷.

Na igreja, existe um processo de liberalização dos valores e dos usos e costumes que, aos poucos, se instaura. Assim, a igreja se torna diversificada demais

em termos sociais para continuar como estava, mas hesita entre opções contraditórias para o novo momento (...). Exis-

27 Idem, 92-93.

te uma tensão entre o desejo de aderir explicitamente a valores burgueses, e a tradição assembleiana de um certo populismo religioso que tende a gloriar-se da escolha dos humildes por parte de Deus²⁸.

A constatação de Paul Freston mostra as tensões e contradições ainda notáveis hoje na igreja. Como vimos na apresentação das igrejas, existe uma diferenciação dos modos de socialização, segundo as congregações e o público alvo. No entanto, a visão de Paul Freston sobre a clivagem entre as igrejas sedes e as locais, e as observações de Gedeon Alencar sobre o conservadorismo persistente destas últimas, demonstram que, a partir dos anos 1990, a instituição não evolui rápido o suficiente em relação às expectativas formulados pelos fiéis²⁹. Entre os entrevistados, o pastor Silvano sente a tensão e tenta explicá-la:

Hoje já tem uma certa mudança, mas eu achei que o foco não é esse. A maioria dos pastores assembleianos não conseguem falar na linguagem culta. Não que sejam incultos. Mas eles não conseguem manter isso. Por quê? Porque somos avessos à teologia da prosperidade. Então a gente entende que o rico, alguns infelizmente pensam assim ainda, o rico não tem direito de ser salvo. Dificilmente o rico entrará no céu, interpretou errado a escritura. Então eles não conseguem ter um evangelho para o rico. Então ele prefere falar para o

pobre. Por quê? Pela teologia da conveniência. É mais fácil falar de sofrimento, é mais fácil falar de luta, da perseguição, e tal porque é um... é um produto, né. Eu tenho um produto para vocês, vocês têm problemas, vocês são mães solteiras, vocês têm drogados na sua casa e eu tenho uma solução para você. Eles acham, eles entendem que Deus é Deus poderoso que pode solucionar esses problemas. E eles então vendem isso. O rico, você não precisa falar disso, porque ele não precisa. O problema dele não é familiar, o problema dele talvez não seja financeiro, o problema dele talvez não seja saúde, o problema dele talvez não seja a droga, não é o problema da periferia. Então, ele tem dificuldade, como eu falei, a maioria dos pastores pentecostais não tem formação teológica. Então eles não conseguem entender o evangelho de Jesus Cristo necessário para todo e qualquer ser humano. Então por isso que é difícil. Aí, criou-se então, a abertura para as neopentecostais. (Pastor Silvano, 36 anos, AD Ipiranga, 13/08/2014).

Apesar das preocupações de « respeitabilidade social » dos seus fiéis e o lugar ocupado pela educação no discurso litúrgico, a igreja enfrenta dificuldades para abandonar uma palavra que preza pelo « sofrimento » e a « perseguição », apesar dos fiéis não serem mais, necessariamente, expostos à marginalização.

28 Idem, 94.

29 Alencar Gideon, 2013, *Matriz Pentecostal Brasileira*.

Da liturgia que não se adapta rápido o suficiente e da fluidez dos pertencimentos religiosos no Brasil, resultam perda de fiéis entre os adeptos da AD. Segundo Paul Freston, « produz-se também uma série de fugas do topo da AD, entre a classe média e estudantina, pessoas cujas experiências de vida estão em contato com um mundo mais amplo »³⁰. Além disso, essas fugas se aparentam à transferências para igrejas mais liberais ou o encerramento de igrejas. Nos anos 1990, a « abertura para as neopentecostais », destacada pelo pastor Silvano, representa uma ameaça para a AD, pois, com a criação da teologia da Prosperidade, elas também se dirigem a um público mais amplo. Ademais, elas se mostram capazes de superar tabus legalistas dos usos e costumes e atrair novos fiéis. Nesse contexto, a fiel Laura quer mostrar que entendeu a problemática desta questão:

As pessoas entenderam que não dá para viver eternamente com roupa de mangão. Mas tem coisas que ainda não abro mão. Com relação à bebida, não abro mão. Eu não tenho orelha furada, certas pessoas acham que é pecado. Eu não acho que seja pecado, só que o meu corpo é para Deus. Eu não vou mutilar meu corpo. Ou tatuagem não porque alguém me falou que era pecado, mas porque o meu corpo é templo do espírito santo e não vou mutilar. Muitas pessoas, aliás, muitas igrejas, abriram por conta dessa necessidade. Eu quero usar calça então eu vou abrir uma igreja onde eu possa

usar calça. (Laura, 25 anos, AD Heitor Penteado, 08/02/2015).

Contudo, os sangramentos de fiéis da AD, com os quais se preocupam os pastores, são pertinentes nos anos 1990. Desde então, a igreja continuou a aumentar o número de seus fiéis, mesmo que mais lentamente para atingir 12.000.000 hoje. Por outro lado, a IURD, a segunda igreja evangélica do país, deve enfrentar, desde os anos 2010, um decréscimo do número de fiéis – de 2.102.000 para 1.813.000³¹. Assim, a supremacia da AD entre as numerosas denominações evangélicas aparece explicitamente.

2.2 A formação de uma juventude pentecostal em busca de emancipação institucional

Apesar dos sangramentos notados nos bancos das ADs, existe uma parte dos jovens membros que cresceram em condições socioeconômicas mais favoráveis, cursam, ou cursaram, a universidade, ou um curso superior. A pesquisa de campo permitiu estudar as características dos que continuam frequentando a igreja e por quais estratégias esta última consegue os segurar. Como estes jovens fiéis justificam suas crenças e como se posicionam frente à instituição?

Primeiramente, nas congregações locais, também existem estes jovens mais ricos, que tiveram uma formação no ensino superior. Como nasceram em berço evangélico, a sua socialização política ganha outra

30 Antoniazzi Alberto, 1994, 95.

31 Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

dimensão, devendo-se considerar a força da sua socialização primária. Estes jovens vêm interiorizando os valores pentecostais desde a infância, mas embora reafirmem sua adesão à religião, mostram-se críticos quanto à instituição, na medida em que recorrem a novas formas de justificar suas crenças, posicionando-se de forma independente face à instituição. Em primeiro lugar, a visão destes jovens, em relação ao pastor, muda. A interiorização das normas e valores pentecostais desde a infância leva estes jovens a considerar que a sua fé é devida à sua reflexão e livre arbítrio, e não à eficiência da socialização. Portanto, recusam o peso da instituição, sem enxergar a sua influência. Ao mesmo tempo que reproduzem rigorosamente as normas pentecostais, eles defendem-se de eventual submissão ao pastor:

Eu cansei de ouvir dos meus amigos da universidade que eu era alienada, que era puxa saco de pastor. Eu não sigo pastor nenhum (...). Eu não tenho orelha furada (...) não alguém me falou que era pecado mas porque meu corpo é templo do Espírito Santo e não vou o mutilar. (Laura, 25 anos, Heitor Penteado, 08/02/2015)

O pastor é visto como um homem instruído, mas falível. Continua sendo um guia mas também pode cometer erros. Testemunhas da sua fé e críticos ao mesmo tem-

po, estes jovens são geralmente estudantes ou formados do ensino superior.

Em segundo lugar, consideremos a formação superior destes jovens fiéis. Convencionalmente, a educação é considerada como um meio de emancipação da exploração criacionista e uma via de desencantamento do mundo³². Nesse sentido, podemos dizer que a educação e o ensino superior permitem que os alunos adquiram uma racionalidade científica e, se não afastarem os alunos da religião, a releguem ao espaço privado. No entanto, como explicar o constante crescimento do pentecostalismo e a reafirmação da religião como uma matriz de compreensão do mundo contemporâneo? Jean-Pierre Bastian mostra que « as organizações religiosas (...) os ritos e as crenças continuam capazes de informar e moldar os comportamentos e as atitudes das populações »³³. Para analisar a situação de fiéis que continuam membros da AD e se afirmam crentes apesar da hostilidade do mundo universitário, há de destacar a força da socialização primária. O ensino superior constitui, portanto, um momento chave de confirmação dos valores interiorizados durante a socialização primária e de uma reformulação das justificativas. Mesmo confrontados a leituras diversificadas e a uma juventude geralmente mais progressista, esses jovens encontraram uma forma de usar os conhecimentos adquiridos para renovar suas justificativas

32 Smiderle Carlos Gustavo Sarmet Moreira, 2013, *Modernização à brasileira: o tempero pentecostal da política nacional*, 75.

33 Bastian Jean-Pierre (2001): «Pluralisation religieuse, pouvoir politique et société en Amérique latine», *Pouvoirs*, n°98, 135.

religiosas. Com efeito, Laura, formada em biologia e membra da AD da zona oeste de São Paulo, recorre à ciência para reforçar suas crenças:

Se eu disser que a universidade fortificou a minha fé? Porque eu conseguia enxergar que as pessoas procuravam me atingir para abalar a minha fé. Falavam “ah, ela vai fazer biologia, vai se desviar [da fé]”. Na verdade, eu comecei a entender que os evolucionistas seguem a mesma linha que os criacionistas. A ordem de evolução é praticamente a mesma que a de Deus. (...) Enxergava através da Bíblia. E as pessoas atacando a minha fé me faziam defendê-la com mais ardor. (Laura, 25 anos, Heitor Penteadado, 08/02/2015)

O sentimento de perseguição de Laura conduz à defesa da sua fé contra os ataques dos não crentes. Ademais, este reflexo defensivo intervém ao perceber que a justificação científica é muito próxima da justificação divina. De fato, como vimos, a « configuração das relações entre religião e ciência » pode constituir « uma justaposição mental de dois princípios contraditórios sem explicação nem resolução da contradição »³⁴. O fiel não é necessariamente desafiado pelo discurso científico hegemônico, aparentemente em contradição com a sua crença religiosa, o qual é usado para justificar suas crenças e opiniões.

Para Ana Paula, os registros religioso e so-

cial são intimamente ligados, mas o divino deu origem ao social e o político, é o que gera as esferas do social e da política. Assim, ao abordar a elaboração das leis que regem a sociedade, ela recorre, primeiro, aos fundamentos bíblicos:

- E o fato de você entrar na faculdade não mudou sua cabeça?

- Pelo contrário, me apaixonei mais pela religião. Eu comecei a analisar o direito e comecei a ver tantas leis aí das leis de Deus que eu li da religião dentro do direito. Boa parte do direito vem dos Hebreus então você vai achando mais coisa religiosa dentro do direito. Fiquei mais encantada ainda. Claro que a fé da gente é testada. Muitas provas, muita competição. (Ana Paula, 31 anos, AD Heitor Penteadado, 08/02/2015)

Por meio da analogia religiosa, Ana Paula nos permite introduzir a ideia de racionalização dos argumentos aos quais os fiéis recorrem. Esta racionalização, por meio do recurso a uma ciência *dura*, permite reforçar a justificação pelo divino.

34 Zambiras Ariana, 2014, *La Politique inspirée*, 181.

3. A JUSTAPOSIÇÃO DOS REGISTROS RELIGIOSO E CIENTÍFICO

Opera-se uma « balcanização dos cérebros », segundo a expressão de Veyne para caracterizar os Gregos antigos, a qual se refere a um processo que habilita a justaposição de dois registros aparentemente contraditórios³⁵. Assim, não se constituiu em um problema para os fiéis, o uso recorrente de argumentos científicos para justificar suas crenças no divino e suas opiniões sobre as drogas, o aborto ou o casamento igualitário.

3.1 A racionalização do discurso teológico

A justaposição dos registros religioso e científico constitui o que chamamos de racionalização dos argumentos religiosos. Esta racionalização cria uma nova configuração das relações que mantêm a religião e a ciência no discurso dos fiéis, onde os dois registros não entram mais necessariamente em conflito. Por meio da racionalidade científica, os membros da AD conseguem justificar e reforçar suas crenças religiosas. Como vimos, a evocação de explicações científicas mostra, primeiro, que os membros não encontram obstáculos no discurso científico hegemônico, aparentemente contraditório, como o expressa Ariane Zambiras.

Ademais, a argumentação científica para legitimar as crenças religiosas responde a vários imperativos. Em primeiro lugar, os fiéis procedem a um uso instrumental do discurso científico, para justificar seus

valores e os preceitos da Bíblia nos quais acreditam. Desse modo, a autoridade indiscutível da ciência de um mundo moderno e secularizado reforça a autoridade divina que, assim, não é considerada nem obsoleta nem retrógrada.

Em segundo lugar, para tratar das questões encontradas no livro sagrado, a ativação do registro científico, pela autoridade impossível de contradizer que representa, permite aos fiéis adicionarem uma dimensão absoluta de bem comum a um posicionamento que poderia parecer institucional e autoritário. Com efeito, se o teor do argumento continua o mesmo, as vias de construção e de transmissão da argumentação mudam. Recusa-se a autoridade única do pastor ou da instituição, e o processo de interiorização dos valores aparenta um caminho pessoal sobre as questões da Bíblia e às quais os fiéis são, contudo, familiarizados na igreja, durante o culto. Nos bairros mais favorecidos, onde as congregações dependentes são frequentadas por jovens que cursam ou cursaram o ensino superior, o que aparenta ser emancipação institucional constitui, de fato, interiorização e reprodução dos princípios religiosos e conservadores, mas que rejeita a autoridade do pastor como a autoridade absoluta. Segundo Ricardo Mariano³⁶, esta interiorização dos valores contribui para reforçar o discurso e as características pentecostais, que mantêm os jovens na igreja.

35 Veyne Paul, 1983, 53.

36 Entrevista realizada dia 06 de março de 2015.

No entanto, em certos casos, a racionalização dos argumentos leva a outra conclusão que a proposta pela igreja. Como veremos em seguida, a AD não abre mão de princípios morais que dizem respeito a debates do espaço político. Se a instituição não consegue resolver esta questão, Paul Freston considera uma necessidade aceitar « suas novas igrejas de classe média e média alta »³⁷. Na perspectiva de uma AD de fiéis com acesso à educação e mais recursos econômicos, é a partir deste raciocínio que Ricardo Mariano aponta para a liberalização que consiste a alargar as fronteiras sem ultrapassá-las. Com efeito, para preservar a identidade pentecostal, os fiéis devem respeitar os princípios dos quais trataremos em seguida.

3.2 A família e a vida: preceitos de Deus ou biológicos?

Para estudar o sucesso da socialização política na igreja e a reinterpretação do discurso pelos fiéis, evocam-se questões polêmicas na sociedade brasileira, a fim de que os crentes recorram a diferentes repertórios normativos e possam mobilizar o imaginário religioso e científico.

Em primeiro lugar, abordamos a família para tratar da homossexualidade. Com efeito, esta última é evidenciada como um elemento que destrói ou impede a formação da instituição mais importante nos olhos de Deus e da sociedade: a família. Pelos obstáculos que a homossexualidade constitui para fundar um lar e constituir

uma família, o casal de duas pessoas do mesmo sexo ou o casamento igualitário não são viáveis. Segundo os entrevistados, as relações homoafetivas são uma ação humana contrária à « lei natural, querida por Deus »³⁸. Os argumentos da Bíblia e da natureza se confundem na vontade de Deus, que encarna-se nos princípios cristãos da família heterossexual. O modelo bíblico não pode ser contradito, como o lembra João: « É Deus, é plano de Deus: não tem discussão » (João, 39 anos, AD Franca, 14/01/2015).

O casal formado por Adão e Eva permite rejeitar o casamento e, de maneira mais ampla, as relações entre duas pessoas do mesmo sexo. A sequência da argumentação de João visa a incapacidade do casal homossexual de produzir continuidade, de produzir algo, além do afeto entre duas pessoas. Inscreve-se em direta contradição com o modelo divino e biológico de reprodução:

Se você for analisar bem, onde que vai ficar a minha raiz, a minha árvore genealógica? Árvore dá um fruto: alimentar aquela árvore e plantar semente. E vai virar uma outra árvore. E assim por diante. Mas agora me responde, essa árvore, o que que nós podemos esperar? Carinho, afeto? Muito pouco, tem que esperar alguma coisa. Eu continuo na posição que Deus colocou em nós. (João, 39 anos, AD Franca, 14/01/2015).

37 Antoniazzi Alberto, 1994, 95.

38 Zambiras Ariane, 2014, *La Politique inspirée*, 272.

Em segundo lugar, o aborto, de maneira geral, suscita desgosto e rejeição em quase todos os entrevistados. Contudo, apesar de pouca diferenciação no discurso dos fiéis, membros formados no ensino superior mudam a tonalidade dos argumentos sobre o aborto: há uma polarização entre uma rejeição radical ou a criação de uma certa tolerância. Primeiro, após a mobilização de uma argumentação estritamente religiosa ou moral, os jovens fiéis mais educados apelam a um último tipo de raciocínio para justificar sua repulsão em relação à interrupção voluntária da gravidez. Com efeito, os argumentos são de ordem sanitária, a qual não pode ser contradita. Laura, bióloga, usa o seu conhecimento para provar o mal ocasionado para o corpo:

Eu não sou a favor do aborto. Eu não sou a favor da maconha. Eu não sou a favor do homossexualismo, não porque eu sou cristã. Eu não sou a favor do aborto por que eu sei o mal que ele faz para uma mulher. Além de ser bióloga e de saber o mal que ele faz pra mulher, eu sei que Deus é a favor da vida. É a minha fé que me faz enxergar assim. Eu não sou a favor da maconha porque a maconha faz mal para o corpo humano. (Laura, 25 anos, AD Heitor Penteado, 08/02/2015).

Portanto, recorre-se ao auxílio de argumentos científicos para dar maior autoridade ao discurso religioso, conferindo-lhe um ar de « objetividade ». Não se trata mais somente de um erro moral, mas o argumento assume um aspecto normativo para prevenir qualquer oposição. Em

outras palavras, não se pode ser a favor do aborto, pois Deus apoia a vida, bem como a ciência demonstra que o ato tem efeitos devastadores no corpo das mulheres.

No entanto, a elitização do discurso nem sempre reforça o discurso rígido e conservador do pentecostalismo da AD. A entrada na universidade também pode levar, em certa medida, a um questionamento da doutrina. Ana Paula se refere ao aborto ao mesmo tempo em que pergunta a respeito do estupro. É moralmente inapropriado pensar em uma interrupção voluntária de gravidez no caso de um estupro? A fiel desenvolve sua reflexão crítica e insiste sobre o caráter excepcional destes casos, para chamar à compaixão de Deus.

Agora a partir do momento que você é ciente dessa gravidez, não está no seu poder tirar essa vida. Mas eu entendo que, em alguns casos, tenha essa liberdade. Por exemplo quando a mulher é violentada. Eu imagino que, até Deus... não está escrito na Bíblia, mas eu imagino que, até Deus, compadeça dessa mulher. Eu não sei se é toda mulher que é capaz de viver com o fruto daquela violência e não se lembrar do ato. Acho que tem que ter muita força, muito amor pra superar isso e deixar aquela criança viver. Então, eu entendo que o aborto, ele é um crime contra o ser humano que tá sem defesas quando não foi um ato violentado a mulher sabe das consequências. (Ana Paula, 31 anos, AD Heitor Penteado, 08/02/2015).

O estupro permite repensar o princípio de

responsabilidade e os argumentos biológicos, fundamentais na rejeição do aborto. A mulher não é responsável pela sua gravidez e torna-se compreensível não aceitá-la, pois ela não tem culpa. É « a lógica do

mal menor », segundo a expressão de Luc Boltanski. O aborto se justifica na medida em que a exigência da mulher é legítima³⁹ e perpassa a lógica da devastação do corpo feminino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a pesquisa de campo de Ariane Zambiras (2014),

quase três quartos das pessoas encontradas responderiam “sim” a um pesquisador que lhes perguntaria se elas acreditam nos relatos bíblicos da criação do mundo, e um “sim” igualmente sincero a um outro pesquisador que as interrogaria sobre a sua crença na teoria da evolução⁴⁰.

A pesquisa qualitativa realizada junto a fiéis evangélicos do Estado de São Paulo permite chegar a conclusão que os dois sistemas de explicação do mundo podem coexistir: « podemos falar em hibridação dos imaginários »⁴¹. Com efeito, não existe mais uma separação explícita entre os dois sistemas de explicação do mundo, aparentemente contraditórios. As instituições eclesiais começam a reinterpretar as relações e interações entre as duas esferas para criar umas narrativas entrelaçadas. Contudo, a observação participante apon-

tou para o fato de que, geralmente, não é o pastorado que propõe esses temas. Entretanto, existe uma absorção pessoal da crença, da imbricação dos registros científico e religioso por fiéis mais privilegiados. Paralelamente, como vimos, a instituição acompanha a evolução dos fiéis e tenta os segurar dentro da igreja. Assim, os fiéis que entrevistamos partem, primeiro, da sua fé, legitimada por meio do registro divino. Contudo, segundo, eles conseguem aproveitar o discurso científico que permite ampliar as justificativas das crenças no divino: « a ciência não é capaz de reduzir a esfera das crenças a nada (...) [pois] ela alarga o campo do concebível, o qual é suscetível de gerar novas crenças »⁴². Nesse sentido, o uso da ciência aparece de caráter instrumental como um mecanismo para se defender de ataques seculares.

Consequentemente, a ciência não empurra para fora ou substitui a religião. Vimos com Smiderle e Bastian que a matriz religiosa no Brasil continua muito relevante

39 Idem, 283.

40 Idem, 185.

41 Idem, 186.

42 Bronner Gérald (2006): *Vie et mort des croyances collectives*, Collection Société et pensées, Éditions Hermann, 133, en: Zambiras Ariane, 2014, *La Politique inspirée*, 187.

para estudar o imaginário social. Mesmo se o recurso à ciência permanece uma estratégia, contudo, esta última propõe explicações concorrentes ou que complementam a religião, de modo que deforma as paredes da bolha, como apontado por Ariane Zambiras, onde unicamente a reli-

gião servia de matriz de interpretação do mundo, antes da era moderna. Desse modo, juntas, elas podem chegar a formar novas paredes, oferecer novas esferas e versões de verdade, e suscitar « novas articulações desses imaginários »⁴³.

REFERÊNCIAS

- Alencar Gideon (2013): *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus - 1911-2011*, Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos.
- Antoniazzi Alberto (org.) (1994): *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bastian Jean-Pierre (2001): "Pluralisation religieuse, pouvoir politique et société en Amérique latine", *Pouvoirs* (France), n. 98, 135-146.
- Berger Peter (2001): "A Dessecularização do Mundo: uma Visão Global", *Religião e Sociedade* (Brasil) Rio de Janeiro, v.21, n.1.
- Bronner Gérald (2006): *Vie et mort des croyances collectives*, Collection Société et pensées, Éditions Hermann.
- Carreiro Gamaliel S (2001): "Religião e modernidade em Max Weber", *Pós: Revista brasiliense de pós graduação em ciências sociais*, ano V.
- Figueiredo Luis Cláudio Mendonça (1995): *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*, São Paulo, Escuta e Educ.
- Lagroye Jacques (2006): *La vérité dans l'Église catholique: Contestations et restauration d'un régime d'autorité*, Paris, Belin, 2006
- Mariano Ricardo (1999): *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola.
- Mariz Cecília Loreto (2001): *Secularização e Dessecularização: Comentários a um Texto de Peter Berger*. *Religião e Sociedade* (Brasil) Rio de Janeiro, v.21, n.1.
- Montero Paula (2006): *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*, *Novos Estudos*, (Brasil) n.74.
- Montero Paula (2009): *Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil*, *Etnografia* (Brasil) [Online], vol.13, <http://etnografica.revues.org/1195>.

43 Zambiras Ariane, 2014, *La Politique inspirée*, 188.

Smiderle Carlos Gustavo Sarmet Moreira (2013): *Modernização à brasileira: o tempero pentecostal da política nacional*, Rio de Janeiro: Outras Letras.

Souza Jessé de (2000): *A Modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*, Brasília: Ed. UnB, 2000.

Taylor Charles (2007): *A Secular Age*, Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press.

Veyne Paul (1983): *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes ? Essai sur l'imagination constituante*, Paris: Seuil.

Weber Max (1967-1968): *Ciência e política. Duas vocações*, São Paulo: Cultrix.

Weber Max (1994): *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, Paris: Pocket.

Weber Max (1995): *Économie et société 1 et 2*, Paris: Pocket.

Weber Max (2006): *Sociologie des religions*, Paris: Gallimard [2ème éd.].

Zambiras Ariane (2014): *La Politique inspirée: Controverses publiques et religion aux États-Unis*, Paris: Karthala.

Zambiras Ariane, Bayart Jean-François (sous la direction de.) (2015): *La Cité culturelle: Rendre à Dieu ce qui revient à César*, Paris: Karthala.

